

## Doce de série: as aventuras de dona Picucha<sup>1</sup>

Elizabeth Bastos DUARTE<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### Resumo

O trabalho propõe-se a analisar as especificidades do formato adotado pelo seriado *Doce de mãe*, em comparação com as normas que presidem o subgênero *sitcom*, em relação ao tema central e temáticas ecunárias privilegiadas, ao seu processo de actorialização e, mais particularmente, ao seu processo de tonalização, ou seja, à combinatória tonal conferida ao *sitcom*, que com ela interpela os telespectadores e dota de identidade o programa.

**Palavras-chave:** *sitcom*; formato; tons privilegiados.

A Eduardo Peñuela Cañizal

### 1 Preâmbulo

Algumas pessoas, muito poucas, como dona Picucha, entendem de alma; logo descobrem a senha, desvelam de pronto os segredos, passeiam no coração da gente. Refletindo sobre os episódios de *Doce de mãe*, seriado que fala da forma como a protagonista principal vivencia esse derradeiro e inexorável percurso a ser trilhado por todos os homens, pensei em dedicar este trabalho ao querido viajante e amigo de todas as horas, talvez porque intua que ele sabia como poucos lidar com essa consciência, por vezes avassaladora e dolorosa, de que o fim se aproxima e logo se aperceberia da beleza do presente com que foram agraciados os telespectadores da RGT.

*Doce de mãe*<sup>3</sup> é um seriado produzido pela Rede Globo em parceria com a Casa de Cinema de Porto Alegre, inspirado em especial de fim de ano com o mesmo nome, que foi exibido pela emissora em dezembro de 2012 e, pelo qual, aliás, Fernanda Montenegro

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora visitante sênior do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); pesquisadora com bolsa de produtividade IC pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; pós-doutora em Televisão pela Université de Paris III – Sorbonne Nouvelle e pelo Centre de Hautes Études en Sciences Sociales. E-mail: bebethb@terra.com.br.

<sup>3</sup> Criado por Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado, com roteiro de Ana Luiza Azevedo, Janaína Fischer, Márcio Schoenardie e Miguel da Costa Franco, direção de Ana Luiza Azevedo e Olivia Guimarães, e redação final e direção geral de Jorge Furtado, pertencente ao núcleo de Guel Arraes. Formato: *sitcom*. Duração: 45 minutos por episódio. Criadores: Ana Luiza Azevedo, Jorge Furtado. País de origem: Brasil. Idioma original: português. Produção: Direção: Jorge Furtado. Transmissão original: 30.01.2014. N. de temporadas: 1. Episódios: 14.

ganhou o Emmy Internacional de melhor atriz em 2012<sup>4</sup>. Inteiramente gravado na capital gaúcha, o especial relata a história de uma senhora de 85 anos que se vê sozinha depois que sua empregada, amiga e confidente há mais de 27 anos, Zaida (Mirna Spritzer), despede-se para casar e morar em outra cidade. Com sua saída, a protagonista perde a companheira, o anjo da guarda com quem partilhava sua vida e emoções, angústias e preocupações, ficando sozinha em um grande apartamento. Trata-se de uma delicada comédia que, como os demais especiais de fim de ano exibidos pela Rede Globo já dispõe de todos os elementos para, caso obtenha o aval do público telespectador, ser desenvolvida, como o foi, sob a forma de episódios: é que dona Picucha, essa animada e criativa octogenária, tem muito a ensinar; sempre metida em grandes confusões, emociona a todos com suas lições vida.

O presente trabalho propõe-se a examinar as especificidades do formato adotado pelo seriado, com especial atenção à temática abordada e à combinatória tonal conferida à narrativa.

## **2 Sobre o seriado: caracterização**

O seriado, uma comédia de costumes, entrou no ar mais de um ano depois do especial, havendo sido exibido entre 30.01 e 08.05.2014, sob a forma de 14 episódios, que relatam as aventuras da personagem principal, dona Picucha (Fernanda Montenegro), envolvendo também a vida de seus quatro filhos – Silvio (Marco Ricca), Elaine (Louise Cardoso), Fernando (Matheus Nachtergaele) e Suzana (Mariana Lima) –, bastante amorosos, mas igualmente atrapalhados.

Dona Picucha é uma octogenária, classe média, nem rica nem pobre, mãe de quatro adultos, que mora em um apartamento subitamente grande demais apenas para ela, que, embora não apresente limitações físicas por causa da idade, pode não ter condições, assim acreditam seus filhos, de levar uma vida independente. Mas, dona Picucha é diferente: muito esperta e lúcida, sabe bem de si, embora tolere com paciência o cuidado dos filhos que desconfiam de suas condições de viver sozinha, estabelecendo com ela uma relação desnecessária de cuidados excessivos; cozinheira de mãos cheias, ela adora reunir a família em volta da mesa; espirituosa, perspicaz e, até certo ponto, imprevisível, toma, por vezes, atitudes intempestivas, que podem ser lidas como erráticas, sintomáticas de um possível quadro de demência senil. Mas, em verdade, todas as suas ações são extremamente lúcidas,

---

<sup>4</sup> Participações especiais: Elisa Volpato – Carolina; Áurea Baptista – Florinha; Sophie Charlotte – Ritinha; Francisco Cuoco – Fortunato/Toninho; Lázaro Ramos – Francis Farme; Augusto Madeira – Gilberto; Tarcísio Filho – Alberto; Otávio Augusto – Júlio; Sergio Mamberti – Chatonildo; Emiliano Queiroz – Alfredinho; Camila Amado – Dora; Wandi Doratiotto – Flávio; Armando Babaioff – Artur; Evandro Sodatelli – Roberto; Leticia Sampaio – Isaurinha; Luan Pickler – Miguel; Ana Clara Malvar – Julinha.

ainda que sejam por vezes excêntricas, há lógica em seu comportamento, sua intenção é sempre ótima, generosa mesmo, embora, por vezes, equivocada.

Trata-se da configuração de um teatro social amoroso, capaz de oferecer um prato cheio para um bom roteirista. Esse é o gancho para o desenvolvimento dos episódios, que apresentam cenas corriqueiras desse contexto familiar. Com bom humor, dona Picucha sabe tirar o melhor proveito de todas as dificuldades que enfrenta. Cercada de suas maiores paixões – cozinhar e ouvir samba –, procura ajudar a todos que estão a sua volta com a doçura de quem já viveu muito e sabe o que a vida, que não poupa ninguém, lhe reserva. É uma mulher de alma grande e espírito jovem que explora o que há de melhor em cada momento. Enfrentou muitos altos e baixos para criar os quatro filhos, ser avó e ficar viúva. Daí, seu lema: "*quando a morte se aproxima só há uma coisa a fazer: panquecas*", ou seja, não recear que esse dia chegue, borrifando-se para a morte.

Generosa e sem frescuras, a personagem aborda pessoas desconhecidas no ponto de ônibus, leva mendigos para morar em sua casa, procura arranjar um marido para a filha encalhada, começa um negócio envolvendo *serviços da terceira idade* para ajudar o filho desempregado e sugere ao filho homossexual a abertura, com seu namorado, de um bar gay.

Na telinha, a protagonista é vivida, como já se referiu, por Fernanda Montenegro, e isso diz tudo: a atriz, do alto de seus 84 anos, desempenha com inegável competência seu papel.

#### • **Resumo dos episódios**

A trama dos diferentes episódios gira então em torno dos problemas enfrentados por dona Picucha e seus filhos, esses últimos em crise por não saberem o que fazer com uma mãe que lhes parece um tanto destrambelhada.

Os episódios relatam de forma encantadora, mesclando humor e melancolia, os dramas contidos nesse enfrentamento.

(1) • *Piloto* (exibido em 31.01.2014, com 18 pontos de audiência)

Muita coisa aconteceu na vida de dona Picucha desde a saída de sua empregada para se casar: ganhou mais uma neta, revolveu mudar-se para um asilo, e surgiram desconfianças de que seu falecido marido havia tido uma filha, Rosa (Drica Moraes), com uma antiga empregada, pois a velhinha descobre que quem havia bancado as mensalidades da moça na faculdade fora Fortunato. Sem levantar suspeitas, a matriarca começa a investigar a possibilidade de que a médica seja filha de seu marido, o que afetaria a relação da moça com seu filho Silvio. Por outro lado, a sua mudança para o novo lar altera a rotina dos moradores da clínica geriátrica, pois os hábitos de Picucha revolucionam o dia a dia dos moradores da casa, onde ela conhece Alfredinho (Emiliano Queiroz), Dora (Camila Amado) e Carlinda (Irene Brietzke), e começa a movimentar o local, com partidas de pôquer e brincadeiras de mímica.

(2) • *Oração ao vento* (exibido em 06.02.2014, com 16 pontos de audiência)

Dona Picucha, instalada na casa geriátrica, diverte-se com os amigos jogando pôquer até que o entretenimento passa a ser proibido no local. Para não deixar Rosa assustada, Picucha finge querer que Isaurinha faça uma consulta com a pediatra; com a intenção de garantir sua proximidade com a suposta enteada, a velhinha pergunta-lhe se não gostaria de alugar seu apartamento.

(3) • *Velhas S.A.* (exibido em 13.02.2014, com 15 pontos de audiência)

Sílvio decide levar a mãe, dona Picucha, para morar em sua casa, devido às alterações que ela causou na casa de repouso, mas é surpreendido ao saber que a empresa em que trabalha quebrou. Embora o filho pretenda manter sua demissão em segredo, dona Picucha logo descobre sua situação e decide ajudá-lo nas despesas: ao ouvir a conhecida frase *tempo é dinheiro*, a espera velhinha mata a charada: aproveitar alguns pequenos privilégios conferidos por sua idade avançada dá direito, não, é claro, sem cobrar uma pequena taxa sobre seus serviços. Em parceria com os outros amigos da casa geriátrica, funda então o *Velhas S.A. – Trabalho na terceira idade*, empresa que atua vendendo vagas prioritárias em estacionamento e lugares em filas preferenciais. As *velhas* então vão à luta, alugando lugares em filas de supermercados e disputadíssimas vagas em estacionamentos de shoppings.

(4) • *Picucha online* (exibido em 20.02.2014, com 13 pontos de audiência)

Dona Picucha sai da casa de Sílvio, e passa a morar com a filha Elaine. Mais do que uma companhia para a filha, a antenada avó mostra aos netos Miguel e Carolina como está conectada com o universo deles. Mas, pobre Picucha, depois de anos de um casamento feliz, tudo leva a crer que Fortunato a traiu bem debaixo do seu nariz. A viúva, com a pulga atrás da orelha, faz tudo para descobrir se Rosa pode ser filha de Toninho. O exame de DNA prova que Sílvio e Rosa são meio-irmãos ou primos o que leva dona Picucha e o coitado de Sílvio, que está cada vez mais encantado com a moça a acreditarem que a pediatra é mesmo filha de Fortunato.

(5) • *Laranja madura* (exibido em 27.02.2014, com 13 pontos de audiência)

Ao tentar vender o apartamento, dona Picucha descobre que um anunciante de suco de laranja colocou um outdoor bem em frente a sua janela, destruindo sua vista todinha. Na tentativa de resolver o problema, a viúva decide protestar contra a poluição visual. "O olhar também precisa de descanso. Abaixo à poluição visual! Viva a beleza! Abaixo à feiúra", anuncia a matriarca da família Souza ao microfone. Com o apoio dos filhos e amigos, dona Picucha convida a todos para um flashmob e vai às ruas cantar, dançar e reivindicar, não sem antes ir, acompanhada de Suzana, à agência de publicidade responsável por acabar com a paisagem vista do apartamento. As duas colocam a boca no trombone e causam o maior rebuliço. A ideia do flashmob toma corpo graças a Toninho, pois foi só a viúva começar a anunciar laranjas na caminhonete de frutas do irmão gêmeo de Fortunato para a clientela aumentar, e todos ficarem sabendo sobre o evento organizado por Picucha.

(6) • *Tango da mãe* (exibido em 06.03.2014, com 12 pontos de audiência)

O som de tango marca o ritmo da casa de repouso: uma das senhoras que mora lá aparece acompanhada de um charmoso professor, o que leva dona Picucha a pensar que também ela está necessitada de aulas particulares e com urgência. Mas o que deveria ser apenas uma aula de dança, na sala de Suzana, acaba em grande confusão, pois Jamón, o professor, confunde a situação e começa a dar em cima de dona Picucha: ele a abraça e sugere que a aula seja transferida para um lugar mais *caliente*. Finalmente, Jesus (Daniel de Oliveira) chega a tempo de salvar a sogra e afastar Jamón com uma panelada. Ainda confuso, o rapaz explica que além de professor de tango, também é garoto de programa.

(7) • *Porta-retrato* (exibido em 13.03.2014, com 13 pontos de audiência)

O sexto episódio relata o envolvimento de dona Picucha com um suposto professor de tango, Jamón (Fabrício Belsoff) – que, na verdade, faz horas extras como garoto de programa no lar de idosos. Dona Picucha não chega a recorrer aos serviços do moço, mas a confusão põe o assunto sexo em discussão na família. Em uma das cenas, entre empadinhas, a protagonista pergunta à queima-roupa para a filha Elaine (Louise Cardoso) há quanto tempo ela não faz sexo para, logo após, pedir que ela passe o pote de canela. “*Mamãe, como a senhora foi da canela para o sexo?*”, espanta-se a filha. A resposta da viúva não deixa dúvidas: “*Mulher quando fica burra assim, é falta de sexo*”, é a justificativa, um tanto sem jeito, de dona Picucha; mas fica clara sua alusão ao fato de que o marasmo na cama pode desconcentrar qualquer criatura no dia-a-dia. No dia anual da tradicional foto da família, dona Picucha deseja reunir a família para fazer o retrato, mas o encontro se torna mais complicado do que o esperado, porque muitos dos membros colecionaram certas mágoas ao longo dos anos, que então vêm à tona.

(8) • *Ossos do ofício* (exibido em 20.03.2014, com 14 pontos de audiência)

Dona Picucha e o sem teto Jesus têm a missão impossível de resgatar os ossos de seu marido Fortunato, enterrados em Riozinho, e trazê-los de volta a Porto Alegre, onde seriam exumados, momento em que a dúvida a respeito da paternidade de Rosa pode ser esclarecida. Mas, embora pelos planos da velha senhora tudo devesse sair às mil maravilhas, no melhor estilo Ethan Hunt, a realidade foi bem mais cruel e divertida.

(9) • *Nosso amor é fogo* (exibido em 27.03.2014, com 13 pontos de audiência)

Graças ao cartão de crédito, a velha senhora transforma-se em uma compradora compulsiva. Por outro lado, seu filho Fernando descobre que Roberto já dormiu com uma mulher e fica paranóico. No desenrolar do episódio, dona Picucha conhece Frances Farmer (Lázaro Ramos), um famoso cantor de pagonejo universitário canastrão.

(10) • *A árvore da vida* (exibido em 10.04.2014, com 13 pontos de audiência)

Pensando no ditado que diz que a vida só é completa quando você tiver um filho, escrever um livro e plantar uma árvore, dona Picucha entra em pânico: embora ela já tenha feito tudo isso, além de perder um amigo, a simpática senhora também está em vias de perder a árvore que plantou quando era menina.

(11) • *Bullying* (exibido em 17.04.2014, com 13 pontos de audiência)

Fernando foi eleito o presidente da Associação dos Bares, Boates e Teatros, e precisa fazer um discurso para mais de 300 pessoas. Diante da iminência de ter que fazer essa fala, velhos fantasmas e bloqueios, referentes à trauma de infância, envolvendo a recitação de um poema em comemoração ao Dia das Mães em um evento escolar, voltam à tona para atormentá-lo.

(12) • *A química da felicidade* (exibido em 24.04.2014, com 12 pontos de audiência)

Dona Picucha está velha e sua memória não é mais a mesma. Mas, como o mistério a respeito da paternidade de Rosa ainda a persegue, ela sente que precisa resolver essa ponta solta de sua vida: ao encontrar, enquanto fazia uma limpeza em seu armário, uma fotografia tirada no carnaval de 1968, Picucha tenta fazer uma viagem mental ao passado em busca de verdades. Essa volta ao passado leva-a a descobertas sobre problemas fundamentais que atormentam seus filhos e ao resgate de alguns esqueletos escondidos no armário.

(13) • *De volta para casa* (exibido em 01.05.2014, com 13 pontos de audiência)

Ao descobrir que seu irmão Júlio está enfrentando uma grave e severa doença, dona Picucha decide reatar seu relacionamento com ele e auxiliá-lo a se reconciliar com a filha Rosa. O artifício encontrando é simular uma

doença e mudar-se para junto dele. Mais uma das artimanhas da velha senhora, sempre esperta quando deseja conseguir alguma coisa.

(14) • *O fim da história* (exibido em 08.05.2014, com 13 pontos de audiência)

Picucha e Fortunato se uniram em 1950, quando o Brasil recebeu a Copa. Em razão disso, a velha senhora acredita na oportunidade de uma nova união em 2014, quando, mais uma vez, o Brasil sedia o evento. Nesse último episódio, a velhinha se dá conta de que os filhos estão bem encaminhados, apaixonados e felizes – um equilíbrio que, quem acompanha a série sabe, foi conquistado com a sua interferência. A viúva tem então a ideia de comprar um piano, instrumento, os filhos logo se dão conta, que tem grande simbolismo familiar – foi por causa dele que Picucha conheceu seu grande amor, Fortunato (Francisco Cuoco). Ela pensa que ele voltará para buscá-la quando a vir sentada ao piano novamente, como acontecera da primeira vez, em meio à tristeza da derrota do Brasil pelo Uruguai na Copa de 1950.

### 3 Sobre as relações do seriado com o subgênero *sitcom*

*Doce de mãe* é um seriado ao abrigo do gênero ficcional, pertencendo ao subgênero *sitcom*, ou seja, é uma comédia de costumes, como outras exibidas pela Rede Globo<sup>5</sup>, e, como tal, obedece, em princípio, às características e às regras que presidem o paradigma desse tipo de produto televisual. Senão, veja-se:

(1) Os seriados do subgênero *sitcom* operam com um plano de realidade discursiva da ordem da suprarrealidade, propondo como regime de crença a *verossimilhança*; embora não tenham um compromisso direto com o real, mundo exterior, são crônicas do cotidiano que procuram retratar o real, mundo exterior de forma lúdica: *Doce de mãe* não foge à regra;

(2) Os seriados do subgênero *sitcom* caracterizam-se como comédias sobre o cotidiano; fazem humor com cenas, acontecimentos e comportamentos bem conhecidos e próximos do telespectador; desnudam práticas, atitudes, valores familiares, culturais, sociais ou políticos; apontam suas contradições e incoerências; expõem pequenos percalços do cotidiano – deslizes, acasos e azares a que todos estão expostos diariamente: *Doce de mãe* não foge à regra;

(3) Os seriados do subgênero *sitcom*, ao transformarem em narrativa, simultaneamente lúdica, informativa e até mesmo pedagógica, esses aspectos do cotidiano abordados escracham, de certa maneira, alguns valores bastante contraditórios que pautam a vida em sociedade: *Doce de mãe* não foge à regra;

(5) Os seriados do subgênero *sitcom* são estruturados por episódios; relatam histórias curtas e independentes, que se relacionam umas com as outras, mas que podem ser

---

<sup>5</sup> Em 2014, a RGT, até o momento, colocou no ar os seguintes seriados:

Séries em 2014: *Doce de mãe* (quintas-feiras, das 22h25 às 23h05); *A grande família* (quintas-feiras, das 22h25 às 23h25); *Tapas & beijos* (terças-feiras, das 22h25 às 23h25); *A teia* (terças-feiras, das 23h25 às 0h10); *Pé na cova* (quintas-feiras, das 23h25 às 0h10); *Segunda dama* (quintas-feiras, das 23h25 às 23h55); *O caçador* (sextas-feiras, das 23h25 às 0h10).

assistidas individualmente, uma vez que se constituem como um todo coerente. Há, não obstante, uma circularidade, uma vez que cada uma dessas narrativas é relatada de modo a se inserir no conjunto proposto *para e pelo* programa, ou seja, respeitando às características da produção em sua globalidade: *Doce de mãe* não foge à regra, embora o número exíguo de episódios que compõem o seriado dificultem a pronta identificação, por parte do telespectador, dessa circularidade e reiteração.

(6) Os seriados do subgênero *sitcom* não costumam ter data de encerramento pré-definida, podendo estender-se no tempo quer de forma regular, quer por temporadas, enquanto houver audiência e, conseqüentemente, patrocínio e/ou publicidade: *Doce de mãe* não obedece a essa prática televisual, pois, independentemente de sua aceitação e/ou índice de audiência, foi planejada já de início com data definida de encerramento – foram exibidos somente 14 episódios, apresentados semanalmente no período já referido;

(7) Os seriados do subgênero *sitcom* adotam normalmente um formato simplificado: seus baixos custos de produção sustentam-se em uma ação que se desenrola preferencialmente em espaços internos, combinados com algumas poucas cenas externas, que, de forma geral, resumem-se a vistas panorâmicas, inseridas entre uma seqüência e outra e apresentadas ora como paisagem natural, *real*, ora como cenário, *representação*, com o objetivo de dar ciência ao telespectador sobre o local onde se passa a ação: *Doce de mãe* não foge à regra, muitas de suas locações, realizadas na capital gaúcha e arredores, situam o desenrolar da trama em Porto Alegre;

(8) Os seriados do subgênero *sitcom*, para sustentarem seus relatos curtos, contam com um pequeno elenco fixo, lançando mão, quando necessário, do recurso a participações especiais. Tomando como quadro de referência o mundo exterior próprio de um determinado núcleo familiar, social, profissional, colocam em cena a vida pessoal e as atividades profissionais das pessoas pertencentes a esse grupo, enfatizando os valores que presidem sua ação: *Doce de mãe* não foge à regra; além de um elenco fixo extremamente qualificado, contou, nos diferentes episódios, com participações especiais de atores convidados extremamente capacitados (ver nota 2);

(9) Os seriados do subgênero *sitcom* normalmente recorrem à construção de estereótipos, que permitem a pronta identificação dos personagens: *Doce de mãe* furtou-se de recorrer a essa prática, até porque, devido ao curto período de exibição do *sitcom*, de antemão seria impossível levar os telespectadores a identificá-los por esse tipo de configuração caricaturesca marcada por tiques, manias, bordões, etc.

Apesar da presença de todos esses requisitos que fazem parte das normas que presidem a realização do subgênero comédia de situação, *Doce de mãe* não é um *sitcom* qualquer. Mais ainda, sua originalidade e criatividade residem exatamente naqueles aspectos em que o programa brinca com as normas do subgênero ou em que dribla o sistema, e surpreende o telespectador.

#### **4 Sobre o formato adotado por *Doce de mãe* e suas articulações tonais**

*Doce de mãe* é um *sitcom* especial exatamente porque ousa desafiar ao limite algumas das normas que pautam a realização deste tipo de seriado, de tal maneira que, se não as contraria totalmente, as burla.

O tema central do seriado, que, aliás, perpassa todos os seus episódios, se articula em diferentes eixos, contrários e das oposições *vida vs morte*, *juventude vs velhice*, explorando diferentes nuances dessa combinatória temática. Assim, embora trate de situações do cotidiano, já de início essa combinatória não parece, em princípio, a mais adequada para sustentar uma comédia: relatos sobre a busca de aceitação e adaptação à velhice, sobre os modos de ludibriar o medo de enfrentar a morte que se aproxima e não poupa ninguém não são, de maneira alguma, os que se espera encontrar em um *sitcom*, talvez porque experimentar, juntamente com a protagonista principal, esse percurso de finalização da vida, tão temido por todos, seja, de certa forma, assustador e doído. A verdade é que todos têm dificuldade de encarar com o bom humor próprio da comédia essa realidade tão inevitável e inexorável. Assim, o tema principal de *Doce de mãe* surpreende, porque poderia mais facilmente alimentar tragédias, não fosse o seu tratamento tonal.

Além disso, as temáticas secundárias abordadas nos diferentes episódios também não são o que se poderiam chamar de leves. Sim, porque, no decorrer do seriado, para dar conta das narrativas dos diferentes episódios, além da reiteração da temática central, foram sendo propostas diferentes questões – relações homossexuais, incesto, desemprego, marginalização – difíceis de serem resolvidas com humor. Mas, apesar disso, a construção ficcional não recuou, enfrentou o desafio, encontrando brechas na configuração dos personagens, na cuidadosa elaboração do roteiro, na atenção aos detalhes, na operação com o inesperado, na atuação impecável do elenco, para não só despertar a atenção do telespectador, como surpreendê-lo, emocioná-lo e... fazê-lo sorrir.

Mais ainda, vale lembrar que, se *Doce de mãe* tem um pé na ficção, ele opera também com um mundo bem real, visto que fala de um país de jovens, onde há cada vez mais velhos e um total desconhecimento de como lidar com esse contingente imenso de

idosos que vem vivendo muito mais tempo do que o esperado, mas, nem sempre nas melhores condições de saúde e grana.

Por outro lado, o fato de o seriado, devido à sua curta duração, não poder contar com a estratégia da *regularidade de apresentação* – essencial, na maioria dos casos, para o êxito desse tipo de programa, uma vez que possibilita a familiarização dos telespectadores com os rituais propostos, permitindo-lhes o reconhecimento e domínio das peculiaridades que caracterizam o formato adotado pela série –, teve como contrapartida um ganho significativo: a brevidade de tempo de exibição impediu a reiteração de determinadas estratégias discursivas, bastante usuais nos *sitcoms*, possibilitando ao roteiro se reinventar a cada episódio.

E essa reinvenção passa pelo tratamento dos personagens, que, diferentemente do empregado em outros *sitcoms*, não se utilizou de uma caracterização exagerada, caricaturesca, até mesmo porque, como já se referiu, devido à curta duração do seriado, seus personagens nem conseguiriam ser reconhecidos somente pela recorrência e reiteração de certos comportamentos, tipos de caracterização, ou repetição de certos bordões que, articulados a determinadas temáticas, temporalidades, espaços de ação, garantem normalmente não só a unidade das comédias de situação, como sua pronta identificação pelo telespectador. Ao contrário, *Doce de mãe*, para levar seus personagens bastante mais complexos, selecionou um elenco fixo constituído por nada menos que Fernanda Montenegro, Marco Ricca, Louise Cardoso, Matheus Nachtergaele, Mariana Lima, além de contar com a participação de convidados especiais, que se alinham em competência.

Para além disso, se o tema é tão grave, sério mesmo, se o roteiro alerta sobre o risco das expectativas cristalizadas quando se trata de enfrentar a velhice e a ameaça da morte, nem por isso o seriado deixa de reservar inúmeras surpresas e ter a sua graça: o que por muitos foi visto como óbvio ou morno, na verdade entenece, toca o coração. E esse tipo de interpelação e interação com o telespectador ocorre devido à combinatória tonal que impregna o texto do seriado que ora faz rir, ora provoca lágrimas: não encontram espaço no roteiro para piadas escrachadas, sem contexto ou carência de sensibilidade. Está-se frente a um texto escrito com sentimento, com experiência de vida, e, por que não, com uma pitada de romantismo.

Assim, a grande verdade é que *Doce de mãe* responde com garbo ao desafio de manter uma tênue linha entre os tons de *seriedade* e *humor*, *alegria* e *melancolia*, realizando uma mistura humanista, que, além dos momentos engraçados, tem também

muitos outros bastante assustadores e emocionantes, frutos dessa alternância entre comédia e drama; dessa aliança entre fantasia, música, poesia, como estratégia para tornar essa realidade mais suportável.

A situação comunicativa televisual, para além das ancoragens de tempo, espaço, aspecto e atores, opera com um outro dispositivo sintático-semântico, a *tonalização do discurso*, responsável pela conferência de um *ponto de vista*, a partir do qual sua narrativa quer ser reconhecida e interagir com o telespectador. Esse ponto de vista se traduz pela projeção de uma combinatória tonal contendo indicações de como o telespectador deve participar do processo comunicativo para o qual está sendo convocado, das expectativas que deve ter em relação ao produto que lhe está sendo ofertado.

A tonalização é, assim, uma *forma específica de endereçamento*, que articula, em nível discursivo, categorias, pertencentes a diferentes níveis de estruturação dos sentidos e da significação, tendo por tarefa a atribuição, por parte do(s) enunciador(es) ou instância de enunciação, de um tom principal ao discurso produzido e de sua correlação com outros tons com ele compatíveis ou não. Como seu propósito maior é a interpelação de seus enunciatários virtuais ou reais, os telespectadores, a definição dessa combinatória tonal é uma deliberação de caráter estratégico: acertar o tom, ou melhor, sua expressão, implica seu reconhecimento e apreciação pelo telespectador, pois, caso contrário, todo o processo de tonalização fica comprometido. Trata-se de um jogo, demasiado astucioso para ser verdadeiramente informação ou mero entretenimento; mais do que fazer refletir ou entreter-se, tem uma intenção estratégica: manter o telespectador cativo.

Ora, o que distingue *Doce de mãe* de outros *sitcoms* liga-se exatamente ao seu processo de tonalização: ele é o responsável pela possibilidade dessa temática central do seriado ser trabalhada sob a forma de comédia. E o formato adotado consegue fazer isso, operando com tons incoerentes entre si, ou seja, aparentemente incompatíveis: é essa combinatória tonal que o distingue, caracterizando-o, atuando como signo de diferenciação com forte potencial fidelizador do público telespectador.

Sim, porque os tons combinados entre si para dar corpo ao programa de certa forma rompem com o paradigma do subgênero, articulando simultaneamente contrários e contraditórios: mesclam os tons de *seriedade e humor, alegria e melancolia*, perpassando-os por outros como *delicadeza, ternura, doçura, respeito*.

*Doce de mãe* fala, assim, em tom nostálgico, mas irônico e, por vezes, até mesmo irreverente, desse temor que assombra a todos, mais ainda em uma sociedade despreparada

para abrigar tantos idosos, para dar conta desse prolongamento, não impune, da vida humana.

No sincretismo da encenação, *Doce de mãe* convoca diferentes linguagens que, operando de forma simultânea e articulada – falas dos atores, gestos e expressões faciais, cenários, músicas de fundo, movimentos de câmera –, propõe, a cada episódio, novas formas de expressão dos sentidos, novas tonalidades que permitam mais facilmente conferir leveza às temáticas propostas. Trata-se de uma produção cuidadosa, atenta aos detalhes; nada do que aparece em cena é inocente, da definição das locações às interferências neste espaço, dos cenários e figurinos à seleção das trilhas sonoras, da escolha de cores aos penteados, à seleção dos ângulos. Todas essas linguagens passam a elementos indicadores da tonalidade pretendida, para que, assim, o programa possa interagir, entrar em empatia com o telespectador e provocar nele as sensações desejadas.

## 5 Apontamentos finais

*Doce de mãe* impõe-se, dando rasteiras nos clichês. O padrão Globo de qualidade está, sem dúvida, bem representado por esta produção, tanto no que diz respeito à cenografia, de acabamento impecável, como pelo excelente desempenho dos atores que participam do elenco, com destaque para Fernanda Montenegro, cujo talento e brilho em cena dispensa maiores comentários, mas também para o quarteto que vive os filhos de Picucha, muito à vontade e afinado em seus papéis.

A série encanta pelo jeito doce, suave, cheio de humor – que pode causar estranhamento a quem está acostumado ao ritmo dos *sitcoms* americanos – com que trata de uma temática tão doída: afinal há uma melancolia inerente às questões ligadas à velhice e à morte.

Ela, não obstante, em que pese a tensão com a morte, constitui-se em uma ode à vida, propondo um tipo de humor a ser usufruído sem grandes gargalhadas ou sobressaltos: trata-se de um texto inteligente e, sobretudo, acompanhado de interpretações magníficas. Trata-se de um *sitcom* divertido que não subestima a inteligência do telespectador; um programa adorável, do tipo ideal para substituir à altura de *A grande família*, que deixa este ano a grade da emissora.

Mas, infelizmente a adorável, independente, serelepe e faceira dona Picucha despediu-se do público, levando consigo essa bem-sucedida ideia de fazer humor com a *dor e a delícia* da terceira idade.

Resta somente lamentar, pois *Doce de mãe* constitui-se em uma das comédias mais inteligentes produzidas pela televisão brasileira não só dos últimos tempos, como de sua história: é de se lamentar que tenha sido exibida em um horário em que a maior parte da população brasileira, que acorda cedo para trabalhar, já estivesse dormindo, o que justifica, em parte, sua comedia repercussão.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUARTE, Elizabeth Bastos. RBS TV: o tom como identidade. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia Mei Alves de, org. **As interações sensíveis: ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski**. São Paulo: PUC-SP, 2013, p. 569-588.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. Sitcoms: novas tendências. In: XVII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós. **Anais do XVII Compós (eletrônico)**. São Paulo: UNIP, 2008.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. Televisão: novas modalidades de contar as narrativas. **Revista Contemporânea**, Salvador, UFBA, v. 10, 2012, p. 324-339.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. Sitcoms: das relações com o tom. In: SANTOS, Roberto Elísio dos; ROSSETTI, Regina (orgs). **Humor e riso na cultura midiática**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 147-171.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. Sitcoms: novas tendências. **Animus**. Santa Maria, v. XIII, p. 24-42. 2008.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. Sitcoms: entre o lúdico e o sério. **DeSignis**. Barcelona, v. 14, p. 9-14. 2009.
- HJELMSLEV, Louis. **Ensayos lingüísticos**. Madrid: Gedisa, 1972.
- JOST, François. **Introduction à l'analyse de la télévision**. Paris: Ellipses, 1999.